

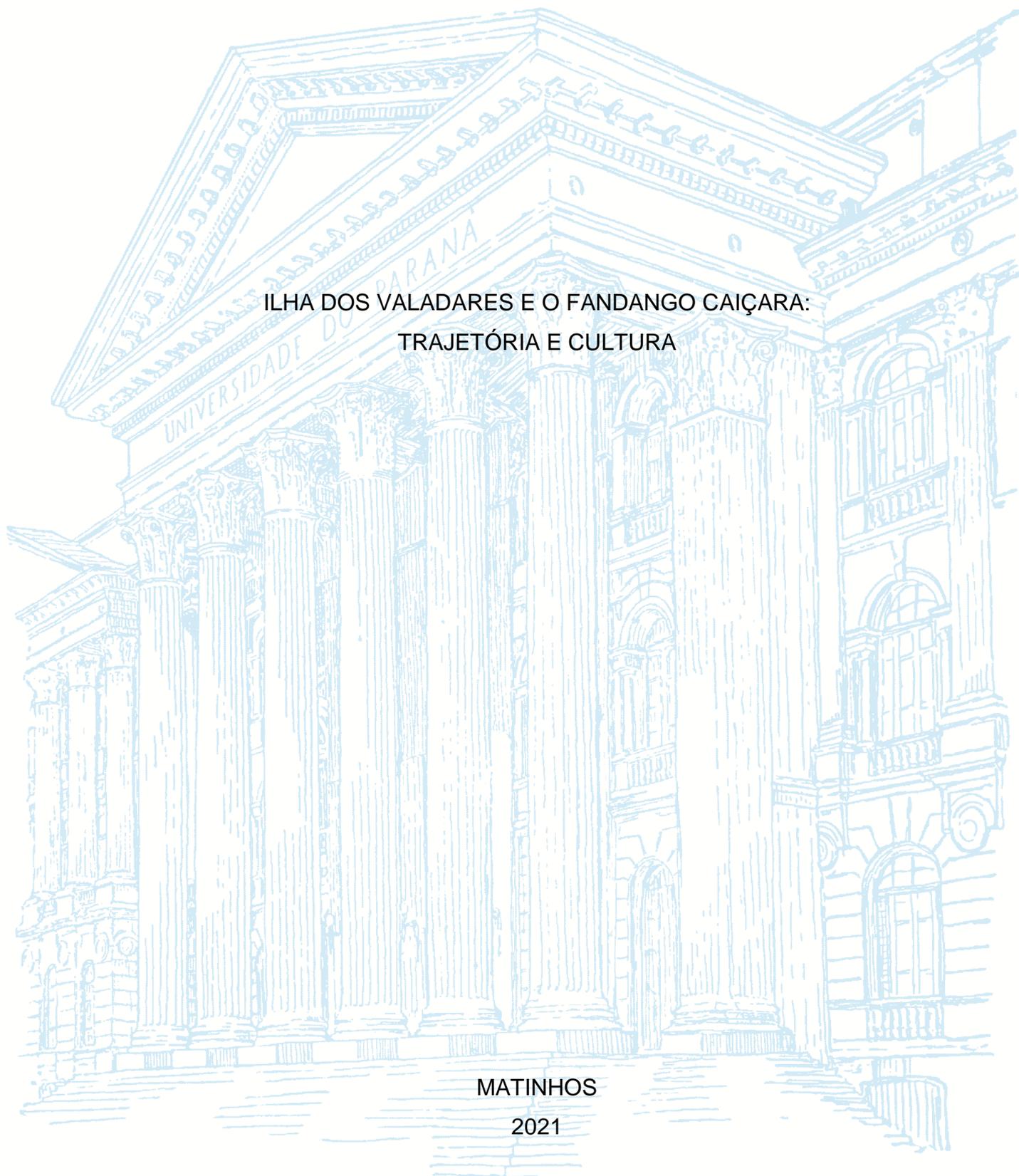
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALINE PONTES BARBOSA

ILHA DOS VALADARES E O FANDANGO CAIÇARA:  
TRAJETÓRIA E CULTURA

MATINHOS

2021



ALINE PONTES BARBOSA

**ILHA DOS VALADARES E O FANDANGO CAIÇARA:  
TRAJETÓRIA E CULTURA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentada ao curso de Graduação em Gestão Ambiental, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Gestão Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Harder

MATINHOS

2021

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

ALINE PONTES BARBOSA

### **ILHA DOS VALADARES E O FANDANGO CAIÇARA: TRAJETÓRIA E CULTURA.**

Término de conclusão de curso apresentada ao curso de Graduação em Gestão Ambiental, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Gestão Ambiental.

---

Prof. Dr. Eduardo Harder  
Professor Orientador

---

Prof. Dra. Ana Elisa de Castro Freitas  
Membro da banca

---

Prof. Dr. Alan Ripoll Alves  
Membro da banca

Matinhos, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

Dedico esse trabalho à minha família, em especial ao meu pai (in memoriam), que sempre me incentivou e apoiou meus estudos. Mesmo longe, sei que está orgulhoso. .

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor e mediador Eduardo Harder, pela confiança depositada no meu projeto, indicar a direção correta e me manter motivada nessa trajetória.

A professora Ana Elisa, pelas aulas e conhecimentos repassados que me levaram a fazer esse trabalho.

A minha mãe, pela confiança e esforço investido na minha educação durante todos esses anos.

Ao meu namorado, que esteve sempre disposto a me auxiliar, suportar os momentos de estresse e me incentivar.

As minhas amigas que estiveram ao meu lado durante todos esses anos de graduação.

“Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei. Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.”

(Clarice Lispector)

## RESUMO

O presente artigo objetiva demonstrar os diversos aspectos da construção social e cultural da Ilha dos Valadares, situada no município de Paranaguá, litoral do Paraná, enfatizando a importância que o Fandango Caiçara possui na cultura da região às margens do rio Itiberê. Além disso, esta pesquisa busca resgatar e valorizar a história da cultura fandangueira, por meio do estudo do conceito, da importância e da identidade do fandango caiçara na região. A metodologia utilizada foi a de análise e discussão teórica em artigos, revistas, entre outros documentos relacionados ao tema proposto.

Após o processo de estudo, é possível constatar a atual representatividade do fandango caiçara na vida dos insulanos da Ilha dos Valadares.

**Palavras-chave:** Fandango Caiçara; Cultura; Ilha dos Valadares; IPHAN.

## ABSTRACT

This article aims to demonstrate the various aspects of social and cultural construction of Valadares Island, emphasizing the importance that Fandango Caiçara has in the culture of the region on the banks of the Itiberê river. In order to rescue and value the history of the fandangueira culture, by studying the concept, importance and identity of the caiçara fandango. The methodology used was bibliographic research through reading and analysis of works, articles, magazines, among others related to the proposed theme.

After the study process, it is possible to verify the current representativeness of the caiçara fandango in the life the islanders off Island of Valadares

**Keywords:** Fandango Caiçara; Culture; Island of Valadares; IPHAN.

## FIGURAS

FIGURA 01: Praça Cyro Abalem.....	11
FIGURA 02: AMIV.....	13
FIGURA 03: Passarela nos anos 90.....	14
FIGURA 04: Madeira antes e depois de ser envernizada.....	17
FIGURA 05: Viola.....	17
FIGURA 06: Associação de Cultura Popular Mandicuera.....	20
FIGURA 07: Pescador.....	21
FIGURA 08: Lazer em família.....	21
FIGURA 09: Pôr do sol a dois.....	21
FIGURA 10: Nascer do sol visto da passarela.....	23

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
1.1	METODOLOGIA .....	12
<b>2</b>	<b>ILHA DOS VALADARES .....</b>	<b>12</b>
2.1	HISTÓRIA E CARACTERÍSTICA .....	12
2.2	O FANDANGO: HISTÓRIA E CONTEXTO.....	15
2.3	O FANDANGO NA ILHA DOS VALADARES.....	18
<b>3</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>23</b>
<b>4</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>24</b>
<b>5</b>	<b>APÊNDICE .....</b>	<b>ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.</b>



## 1 INTRODUÇÃO



Figura 1: Praça Cyro Abalem

Fonte: Aline Pontes

A Ilha dos Valadares esta localizada no município de Paranaguá, região litorânea do estado do Paraná, compreendendo que as terras da Ilha dos Valadares são pertencentes à União, possuindo perto dos 4,5 Km<sup>2</sup>.

Pelo fato de ser uma parte separada por quase 400 metros do continente, até os anos 90 só era possível chegar até à Ilha através do rio, ou seja, por embarcações, porém, após esta década foi construída uma passarela ligando a Ilha à cidade de Paranaguá, passando assim a ter o reconhecimento da Prefeitura municipal, e, considerado como bairro periférico, sendo o maior bairro com maior número populacional da cidade com aproximadamente 30 mil habitantes.

Quando se analisa a cultura brasileira em geral, é possível notar que o estado do Paraná dentro do cenário do país possui o conhecimento cultural legítimo e transparente representado pelo Fandango, mantendo a estrutura poética e rítmica, distinguindo-o de outros diversos estados. Nacionalmente, o Fandango tem muitos significados, variando de acordo com a região, como em alguns estados do nordeste onde há o maracatu e reisado.

De acordo com Novak (2005), o fandango pode ser individual e/ou em pares, existindo duas modalidades dele, a modalidade do litoral, que usam tamancos dançando em tablado feito de madeira e o tropeiro que usa botas. Lembra-se que o fandango paranaense é composto por ritmos e canções, reunindo inúmeras danças e características, onde a coreografia exige dedicação, preparo e desenvoltura, necessitando de um calçado adequado de sapateado, os tamancos.

## 1.1 METODOLOGIA

A pesquisa possui natureza analítica, descritiva e qualitativa, fazendo uso do recurso metodológico o levantamento teórico em livros, artigos, revistas, registro fotográficos, dentre outros recursos relacionados à temática proposta, além de conversas com interlocutores locais a fim de compreender e resgatar o Fandango caiçara, representante da principal forma de expressão cultural do litoral do Paraná, sendo necessário contextualizar o tema dentro da cultura do Município de Paranaguá.

A partir daí foi realizada a pesquisa de dados e história da Ilha dos Valadares, história e contexto do Fandango caiçara, as considerações finais e referências respectivamente.

## 2 ILHA DOS VALADARES

### 2.1 HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Ilha dos Valadares é uma ilha que pertence ao município de Paranaguá-PR, no estado do Paraná, situando-se a uma distância de 400 metros do centro do município, à margem direita do Rio Itiberê, onde habitam pescadores que trabalham com a pesca artesanal, alimentando tradições, como o fandango, dança tipicamente litorânea.

Segundo Maack (1968), Valadares abrange uma área de aproximadamente 4,5 km<sup>2</sup>, sendo inserida geomorfologicamente na planície litorânea, sub-região geográfica natural do litoral paranaense, onde a planície litorânea se caracteriza como zona de formação sedimentar recente, predominando áreas de manguezais e de praias atuais, especificamente as formadas por aluviões indiferenciados antigos e recentes, sedimentos areno-sílticos argilosos e arenosos indiferenciados de origem marinha, presentes principalmente nas ilhas e nas margens dos rios.

Devido às características individuais, a Ilha dos Valadares possui duas administrações no bairro, sendo uma Associação de Moradores da Ilha dos Valadares (AMIV) e uma sub prefeitura, conseqüentemente subordinada ao gabinete

da Prefeitura Municipal de Paranaguá, organizada também em uma organização comunitária mais atuante.



Figura 2: AMIV

Fonte: Aline Pontes

Consta na história que originalmente Valadares não era uma ilha, mas uma porção de terra ligada ao continente por um istmo que acabou sendo rompido artificialmente ligando o rio Itiberê ao dos Correias, formando o chamado canal do Cidrão. (FELISBINO, ABRAHÃO, 2016, p. 11)

Relatos históricos contam que a Ilha dos Valadares possui esse nome por conta de uma família de muitas posses que traficavam escravos. Segundo Felisbino e Abrahão (2016) o coronel Henrique Valadares, Secretário Geral do Grande Oriente do Brasil relatou em uma palestra que estava muito feliz em visitar a terra de seus antepassados. Porém, em uma conversa com o Mestre Fandangueiro Aorélio Domingues, o mesmo relata: “Valadares, eles falam que é uma família, não é uma família. São pessoas vindas de uma região de Portugal que se chama Valadares, de lá que vieram todos os Valadares escravagistas”.

Nesse mesmo relato, ele fala sobre a quantidade de caju que há na Ilha “Aqui era mercado de escravo, eles tratavam os escorbuto dos escravos com caju.”<sup>1</sup>

No ano de 1935 foi inaugurado o porto de Paranaguá, com atracação do Navio “Almirante Saldanha”, tornando-se o maior porto graneleiro da América Latina. A partir da década de 50 com a ascensão das atividades portuárias impulsionado pelo café, houve a migração em busca de emprego, apesar da forma para obtenção de renda ter se modificado, as práticas culturais continuam presentes na vida dos

---

<sup>1</sup> Escorbuto – Doença causada pela falta de Vitamina C, havendo hemorragias e alterações na gengiva.

insulanos até os dias de hoje, enfrentando os processos de urbanização, mantendo suas tradições e as solidificando através do Fandango.

Setti (1985), ao pesquisar sobre a música do litoral paulista, afirma que para a população que vem progressivamente perdendo sua territorialidade, a cidade representa o polo que centraliza virtuais oportunidades de ascensão social e econômica, ou de obtenção de melhor status, que leva diversas pessoas a perderem sua identidade cultural, para o espaço urbano, percebendo-se que a fragmentação do espaço comunitário da Ilha dos Valadares foi facilitada nos últimos anos pela migração de pessoas originárias de outros locais da Baía de Paranaguá, como Ilha de São Miguel, Ilha de Piaçaguera, e outros municípios do litoral paranaense, fazendo com que a cultura local se influenciasse inúmeros episódios na história, sendo neste contexto que se encontra os grupos de fandango dos Mestres Eugênio Santos e Romão Costa, que procuram revitalizar a cultura local expressa pelo Fandango na Ilha dos Valadares.

Na década de 1980 foi construída a passarela e exatamente no dia 29 de Julho de 1991, a mesma foi inaugurada, antes disso só era possível fazer a travessia para o continente por meio de embarcações pelo rio.



Figura 3: Passarela nos anos 90

Foto: Professor Florindo Wistuba Junior

A Ilha é dividida em três principais bairros: Sete de Setembro, sendo o menos habitado e conseqüentemente com maior vegetação; Vila Bela, onde se concentra os principais comércios, e o Itiberê, local com maior número de moradores. Além dos três já citados há mais de 10 sub-bairros.

Há outra subdivisão bem peculiar da Ilha dos Valadares, são mais de quatorze sub-bairros conhecidos, um exemplo é o sub-bairro do Abacateiro, que recebe esse nome devido a região possuir muitas árvores de abacate. Podemos observar que os sub-bairros recebem os nomes a partir de uma referência local. (SILVA; SANTOS, 2017, p. 09)

De acordo com Costa (1999), até a metade do século XX, a expansão urbana no município de Paranaguá aconteceu do leste para o noroeste devido à modificação do Porto de Paranaguá para a Baía de Paranaguá, assim, nos anos 60, tal expansão ocorreu para a região entre os rios Itiberê e Emboguaçu, bem como a Ilha dos Valadares, e por fim, entre 1980 e 1990, foi direcionada à BR 277 e à PR 407.

A expansão urbana tornou o município de Paranaguá numa região muito valorizada, havendo a concentração de serviços urbanos, de obras de infraestrutura e de principais atividades econômicas, ocorrendo a partir dos anos 90 a intensificação por ocupações desordenadas e irregulares, atingindo as margens, bem como afluentes dos rios Itiberê e Emboguaçu, os manguezais da PR 407, da estrada das praias, da BR 417 e da estrada de Pontal do Sul. (CERDEIRA, 1998, p. 156)

Moura e Costa (1999), afirmam que a parte de maior ocupação urbana situa-se entre os rios Itiberê e Emboguaçu, sendo fácil perceber a existências de poucas áreas verdes que se encontram em estado precário de conservação, lembrando que tais áreas são representadas por praças pouco arborizadas.

Tal ocupação ilegal e desordenada, com aterros cada vez maiores, resulta na degradação ambiental de mangues e matas ciliares, que dominam quase todo o perímetro urbano de Paranaguá, sendo iniciado tal processo nos anos 80 e com significativo crescimento na década de 90.

Segundo Moura e Costa (1999), de acordo com informações coletadas na Prefeitura Municipal de Paranaguá, 30% da população urbana vive em áreas invadidas, diga-se de passagem que na maioria são áreas de proteção permanente, onde grande parte possuem habitações precárias.

Godoy (1998) afirma que na Ilha dos Valadares tais ocupações intensificaram-se após a construção da Passarela Antonio José Sant'Anna Lobo, no ano de 1989, a qual fez a ligação da Ilha ao continente, sendo no começo feito para pedestres, aproximando assim a Ilha ao centro histórico do município de Paranaguá.

Ainda para Godoy (1998), mesmo que nos dias atuais a Ilha faça parte do perímetro urbano de Paranaguá, está oficialmente situada em área federal, pertencendo à União, sendo que a população só possui a permissão de utilização, e, não a posse definitiva das terras, facilitando o comércio imobiliário pelo fato de baratear tais valores.

Caneparo (1999) diz que grande parte da população de baixa renda fica à margem do mercado imobiliário legal, não possuindo diversa alternativa a não ser ir em busca da ocupação irregular, pelo fato de não possuir condições financeiras, ocupando loteamentos clandestinos, como as áreas de manguezais

## 2.2 O FANDANGO: HISTÓRIA E CONTEXTO

Araújo (1973) afirma que para recordarem de Portugal, dançavam como faziam lá, onde de fato, juntamente aos nativos naquela época criaram o Fandango, sendo este a mistura de danças espanholas e portuguesas com as danças de índios carijós.

Santos (2003) afirma que o Fandango já era dançado no Paraná no início do século XIX pela população dos municípios de Paranaguá e de Morretes.

As regiões onde ainda há a tradição de se dançar o Fandango são as regiões em que as pessoas mais velhas ainda mantêm tal cultura, pois na maioria das vezes, os mais jovens não querem fazê-lo, preferindo as danças mais modernas (AZEVEDO, 1976).

De acordo com Novak (2005) na época do Brasil Império não se valorizava o Fandango, sendo censurado e proibido pelo Rei e pela igreja, considerado herege, lembrando que neste período no Paraná todo rejeitava o Fandango e o Batuque, tendo tais como danças vulgares por possuírem movimentos de quadril, sendo vistos como maneira de provocar sexualmente ofendendo assim a igreja e os bons costumes da sociedade da época.

Ainda segundo o autor, os detentores do poder da época rejeitavam o fandango, criando leis restringindo tal dança, proibindo batuque e fandango até 1860, sendo modificada a lei dando a permissão da prática, porém, esta permissão era dada pela polícia.

Somente em 1900 foi criado um projeto a fim de resgatar o Fandango, por Rocha Pombo e Júlio Pernetá, sendo aceito em diversas regiões, ficando claro que atualmente o interesse pelo Fandango cresceu significativamente, onde muitos grupos, composto por jovens habitantes do litoral paranaense, chamados de caixaras, recuperam a memória do mesmo, fazendo parte da cultura brasileira.

Pinto (2006) afirma que a viola usada no fandango é confeccionada nas ilhas paranaenses, tem onze cordas, não se afinado e sim, temperando, lembrando também que há a rabeca, confeccionadas de caxeta, cedro e/ou caroba, tendo três ou quatro cordas de aço, onde o arco é feito de canela e/ou pitangueira e, as cordas de timbopeva.

Podemos exemplificar esta afirmação utilizando como exemplo uma das inúmeras faces dos Fandango que é a fabricação dos instrumentos e a descon sideração da necessidade de utilização da madeira de caxeta para a fabricação de instrumentos, que é proibida por lei, havendo a necessidade de trazer madeiras de outras localidades como a Amazônia para a fabricação dos instrumentos, de certo modo, dificultando o prosseguimento dessa prática. Se houvesse o diálogo entre o saber empírico, científico e governamental problemáticas como essa poderiam ser solucionadas. (PONTES, RAMOS, 2017)

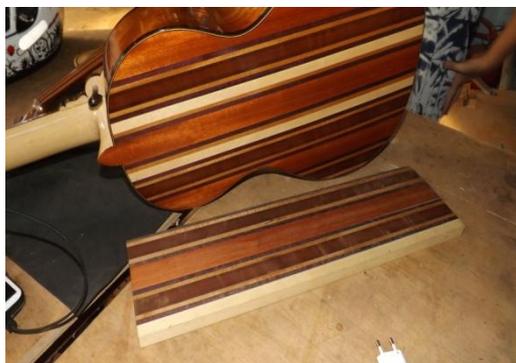


Figura 4: Madeira antes e depois de ser envernizada.

Fonte: Aline Pontes



Figura 5: Viola

Fonte: Aline Pontes

Evidenciando as práticas do fandango, no ano de 2012, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) concedeu a ele o título de Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, fazendo-se da Ilha dos Valadares referência mundial à prática fandanguera. Mestre Aorélio Domingues conta que o título concedido tem como função assegurar o prosseguimento das práticas, credenciar centros culturais a participarem de editais de promoção à cultura, porém, a cada ano tornam-se mais raros, fazendo com que os recursos sejam de fundos próprios.

Compreende-se que a função da folgadeira dentro do fandango é a de valsear, porém, em tempos antigos, limitava-se a apenas arrastar os pés, prestando atenção à evolução, sem qualquer expressão. Atualmente, a folgadeira tem participação ativa, mexendo o corpo e faz a saia rodar, com muita feminilidade.

Antigamente, a folgadeira que se recusava a dançar era considerada desfeita, ou seja, não era permitido se recusar, e o folgador, era o que por meio do sapateado quebrava o assoalho tendo o nome de machado, e por sua vez, aquele que errava o sapateado fazia balaio.

Um ponto importante é que a pessoa que canta e/ou toca algum instrumento não pode dançar, porém, muitas vezes o violeiro larga o instrumento para aplaudir, lembrando que a festa do Fandango tem a duração de várias horas, tendo início no começo da noite e acabando apenas quando amanhece, e, além das festas, meus avós contam que antigamente era de costume fazer mutirão, onde reuniam pessoas da comunidade para fazer as tarefas agrícolas ou quando necessitavam de ajuda nas construções de suas casas sem necessitar investir muito, apenas conseguindo alimentos para o próprio consumo.

Assim, quando acaba o trabalho, o dono da colheita, agradecendo os participantes voluntários, sacrificando uma rês<sup>2</sup>, para se preparar o Barreado, prato este que é tradição no Fandango.

Barreado (uma inusitada iguaria à base de carne bovina cozida exaustivamente com toucinho, cominho e louro até ganhar uma consistência desfiada), prato típico do litoral paranaense, e, por consequência, como atrativo e indutor do desenvolvimento turístico das cidades de Antonina, Morretes e Paranaguá (GIMENES, 2009 p.10)

---

<sup>2</sup> Rês – Animal quadrúpede, cuja carne é usada para alimentação humana.

O entrudo, que correspondia a quatro dias em que os litorâneos batiam o Fandango e comiam barreado, era o título dado naquela época ao carnaval, onde tal termo tem origem no latim *introitos*, significando o começo da entrada da Quaresma, sendo que não dá para separar o Fandango e Barreado, sem esquecer que os folgadores e as folgadeiras que faziam o barreado no dia anterior à festa, e os ingredientes eram fervidos em uma panela de barro vedada com folha de bananeira, pirão de farinha de mandioca, cinza e água, durante muitas horas. As bebidas que consumidas no baile eram a cachaça regional artesanal, cerveja e o quentão.

### 2.3 O FANDANGO NA ILHA DOS VALADARES

Além de seu rico lado histórico a Ilha dos Valadares mantém uma importância cultural, o fandango, e para que esse instrumento de resistência permaneça solidificado, passou a existir o projeto Mandicuera que é formado por pessoas interessadas em transmitir a cultura caiçara, inaugurada no ano de 2004, desde então vem desenvolvendo projetos no local, atraindo turistas, estudantes, músicos, antropólogos e curiosos a fim de entender mais sobre a cultura caiçara, onde é possível confeccionar rabecas e outros instrumentos do fandango. Segundo Tores e Kozel (2012, p. 167), “os instrumentos musicais utilizados no fandango são fabricados artesanalmente com uma madeira denominada ‘caxeta’”, porém, sendo proibida por lei, são utilizadas madeiras como o amapá, coxim, itaúba, maçaranduba, oiticica.

Podemos exemplificar esta afirmação utilizando como exemplo uma das inúmeras faces dos Fandango que é a fabricação dos instrumentos e a desconsideração da necessidade de utilização da madeira de caxeta para a fabricação de instrumentos, que é proibida por lei, havendo a necessidade de trazer madeiras de outras localidades como a Amazônia para a fabricação dos instrumentos, de certo modo, dificultando o prosseguimento dessa prática. Se houvesse o diálogo entre o saber empírico, científico e governamental problemáticas como essa poderiam ser solucionadas. (BARBOSA; RAMOS, No prelo)

Em conversa com o mestre Aorélio Domingues, a Associação de Cultura Popular Mandicuera recebe visitantes de todo o mundo para conhecer um pouco mais da história do fandango e saborear o barreado que é feito de modo tradicional como o cozimento por 24 horas na panela de barro.

No litoral do Paraná existe a “Associação Mandicuera” que realiza ações de preservação e fomentos de manifestações tradicionais que envolvem o universo da cultura caiçara. É nesse sentido que esta Associação estimula a comunidade a encontrar novas possibilidades para o desenvolvimento do potencial turístico cultural, e do artesanato local baseando-se sempre na idéia de que a cultura popular de uma região é um instrumento fundamental para a construção da cidadania e inserção social de todos os seus habitantes. (SILVA; OLIVEIRA, 2016 p. 06)



Figura 6: Associação de Cultura Popular Mandicuera

Fonte: Aline Pontes

Atualmente no Valadares há quatro grupos fandangueiros, que se apresentam no mercado municipal de Paranaguá duas vezes ao mês, a cada quinze dias os grupos fazem os bailes aos sábados e domingos, baile no qual é possível notar a diferença de idade e gerações que se juntam para dançar. O fandango envolve todo tipo de trocas, pois através dessa cultura circulam pessoas, saberes, tocadores, dançadores, festeiros, instrumentos, versos, entre outros elementos.

Com o trabalho artístico, cultural e gastronômico no Valadares, houve um aumento significativo de turistas na localidade da Mandicuera.

Foi por volta da década de 60, o professor Inami juntamente a Romão Costa formou o grupo de fandango, tornando Paranaguá um dos municípios que mais possuem grupos de fandangos, no litoral do estado do Paraná.

A primeira cidade a criar um grupo de fandango com fandangueiros tradicionais foi Paranaguá – PR, tendo origem no trabalho do folclorista Inami Custódio Pinto, que em 1950, formalizou suas pesquisas no litoral do Paraná (INAMI, 2003)

Dados do IBGE de 2020 contam que município de Paranaguá possui mais de 156 mil habitantes, sendo que diversos fandangueiros residem na cidade, concentrando-se na grande maioria, na Ilha dos Valadares, considerado o maior bairro do município, que possui tradições culturais muito ricas, as quais necessitam de preservação cultural.

A Ilha dos Valadares se transformou com o passar dos anos em um lugar dormitório, porém, a população não perdeu a sua identidade, continuando a desenvolver suas atividades características, comparada ao interior pelo estilo de vida diferenciado do continente e à Índia, pela forma como os automóveis se locomovem por falta de sinalização de trânsito. Vale ressaltar que o crescimento desordenado e a consequência da falta de políticas públicas, infelizmente, causam inúmeros problemas sociais para a comunidade da Ilha dos Valadares.



Figura 7: Pescador

Fonte: Aline Pontes



Figura 8: Lazer em família

Fonte: Aline Pontes



Figura 9: Pôr do sol a dois

Fonte: Aline Pontes

Dotado de um “universo musical transitado pela fé, parentesco, trabalho e festa”, o Fandango Caiçara “[entrecorta] relações marcadas por identidade específica que se faz múltipla e em constante construção”, onde também estão presentes “processo de confecção artesanal de instrumentos musicais” e “um conjunto de coreografias desempenhadas por homens e mulheres que costuram entre batidos, bailados e passadinhos a socia [bi]lidade caiçara” de acordo com (IPHAN 2011, apud DIEGUES, COELHO, 2014)

Seu Genésio do grupo Pés de Ouro conta que ajudou a construir a Casa do fandango junto aos Mestres Eugênio e Romão, uma construção singular, pois tais danças eram realizadas em lugares fechados, onde o assoalho necessita estar a dois metros do solo, é feito um buraco abaixo do assoalho com dois metros de profundidade e três metros de diâmetro. O mesmo relata que durante sua infância todos faziam viola e dançavam fandango até ao amanhecer, mas com o tempo as pessoas foram deixando esses costumes de lado e só voltou quando já residia na Ilha dos Valadares, graças ao Mestre Romão e ao Mestre Eugenio.

No dia 01/07/2017 foi criado pela neta do saudoso Mestre Eugênio, Tamizia dos Santos o grupo de fandango Mestre Eugênio. A então salva guarda é a realização de um sonho do Mestre, pois temia que o fandango caiçara deixasse de existir com o passar das gerações.

O grupo mirim é composto por 17 integrantes (crianças e adolescentes), onde os mesmos tocam os instrumentos, cantam, dançam e são batedores (meninos). Salienta-se que entre os membros do grupo: cinco são bisnetos do Mestre Eugênio, uma é bisneta do Mestre Romão e duas são filhas do Mestre Aorélio.

Desde sua criação, o grupo ensaia uma vez na semana e tem aulas de instrumentos com o Mestre Zeca, Mestre Aorelio e Poro de Jesus, realizam viagens para as apresentações em festivais e festas.

No Valadares a tradição do fandango continua sendo vivenciada em uma creche local, com aulas de dança caiçara.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fandango possui uma enorme importância dentro do contexto cultural do estado do Paraná, sendo a principal dança típica do litoral, representando o estado tanto nacionalmente quanto internacionalmente, assim, destacando que seu desenvolvimento, bem como sua divulgação necessitam de uma visão mais atenciosa para que este continue fazendo parte e trazendo orgulho às tradições caiçaras.

Em algumas regiões o Fandango fazia parte dos ensinamentos dados dentro da sala de aula nas escolas, pois a estrutura familiar e comunitária era a que promovia a tradição de repassar tal saber diariamente, porém, em Paranaguá isto tem ocorrido na atualidade apenas dentro da comunidade insulana. Em geral, é preciso compreender a extrema necessidade de promover ações que não sejam somente relacionadas ao Fandango, mas que envolvam o respeito ao estilo de vida do caiçara, garantindo com que as comunidades a permaneçam legalmente em suas terras, mantendo assim as atividades culturais de tradição no estado.

É fato que o Fandango encontra-se em evidência, onde fandangueros e agentes culturais locais estão utilizando novas maneiras de estimular o contexto cultural da cidade, lembrando que a cultura popular representa a expressão de conhecimentos coletivos de um grupo social que se manifesta tanto material quanto imaterialmente, sendo através da cultura popular que é possível realizar a identificação de si mesmo como cidadão integrante da sociedade.

No estado do Paraná o Fandango caiçara, nos dias atuais, representa uma referência da cultura popular estadual, mesmo estando em processo de reestruturação e de reconhecimento.



Figura 10 : Nascer do sol  
visto da passarela  
Fonte: Aline Pontes

## REFERÊNCIAS

- Abrahão, Cinthia M. Serra; Felisbino, Janelize Nascimento. **Iha dos Valadares: História, Cultura e Meio Ambiente**. Curitiba: Ed. do Autor, 2016. Pag. 108.
- ALMEIDA, R. **História da música brasileira**. Rio de Janeiro: Briguet, 1942.
- ANDRADE, M. **Danças dramáticas do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.
- ANDRADE, Mário de, **Ensaio sobre a música brasileira**, Brasília: Martins, 1972.
- ANDRADE, Sandra M.L.; ARANTES, J.F.T. **Fandango**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2000.
- ARAÚJO, Alceu Maynard, **Fandango**, Em Araújo, A. M. Folclore Nacional (V.II). SP: Ed. Melhoramentos, 1999.
- AZEVEDO, Fernando Corrêa, **Aspectos folclóricos do Paraná**, Cadernos de Artes e Tradições Populares. Curitiba, Museu de Arqueologia e Artes Populares/UFPR, p.57-101, 1973.
- AZEVEDO, Fernando Corrêa de. **Fandango do Paraná**. Rio de Janeiro. Ministério da Educação e Cultura. 1978
- BARBOSA, Aline Pontes; RAMOS, Marjorie Chaves. **REFLEXÕES: POLÍTICAS PÚBLICAS COMO UM INSTRUMENTO DE FORTALECIMENTO CULTURAL**. No prelo
- BITTAR, Nazir; BRITO, Maria de Lourdes da Silva; RANDON, José Augusto Ganba. **Fandango de Mutirão**. Curitiba, Bof, 2003
- \_\_\_\_\_ **Fandango do Paraná**. Curitiba: Funarte, 1978
- BRASIL CULTURA, **Folclore**. Disponível em: [www.brasilcultura.com.br](http://www.brasilcultura.com.br).
- BRITO, Maria de Lourdes da S. **Os marcadores de roda**. In: BRITO, Maria de Lourdes da. **Fandango de mutirão**. Curitiba: Mileart, 2003.
- BRITO, Maria de Lourdes da S. e RANDON, José Augusto G. **Mutirão ou “Pixirão”: relatos do fandango paranaense**. In: BRITO, Maria de Lourdes da Silva. **Fandango de Mutirão**. Curitiba: Mileart, 2003.

CANEPARO, Sony Cortese. **Crescimento urbano de Paranaguá sobre o ecossistema manguezal. Meio ambiente e desenvolvimento no litoral do Paraná: diagnóstico.** Curitiba: Editora da UFPR; Brasília: CNPq, 1998.

CERDEIRA, Paulo César Rizzo. A Percepção do Lixo na Perspectiva de Diferentes Atores Sociais no Ambiente Urbano de Paranaguá. Tese Doutorado (Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento). UFPR. Curitiba. 1999.

CORREA, Roberto. **Construção de instrumentos** In: MARCHI, Lia et al. Tocadores. Curitiba: Olaria, 2002.

DIEGUES A; COELHO, D. O registro do fandango caiçara e sua eficácia. **Revista de Antropologia.** N p44, 2014

**FANDANGO DO PARANÁ.** Disponível em <http://www.curitibacultura.com.br>, acesso em 8/01/2014.

Folha do Litoral News. Disponível em: <https://folhadolitoral.com.br/cultura-e-entretenimento/grupo-mestre-eugenio-participa-do-encontro-tradicoes/>. Acesso em: 27 set. 2020.

GODOY, Amália M. **Os impactos sócio-ambientais da expansão do Porto de Paranaguá frente a maior inserção do Brasil no mercado internacional. Meio ambiente e desenvolvimento no litoral do Paraná: diagnóstico.** Curitiba: Editora da UFPR; Brasília: CNPq, 1998.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados agregados por setores censitários 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/paranagua.html> acessado em março 2021

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=449491>

KOZEL, S; TORRES, M. A. A paisagem sonora da Ilha dos Valadares: percepção e memória na construção do espaço. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012. Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/8pk8p/pdf/barthe-9788523212384-10.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

MAACK, Reinhard. Geografia física do Estado do Paraná. Curitiba : Banco de Desenvolvimento do Paraná, 1968. 350p.

NOVAK, Patricia. Fandango paranaense da Ilha dos Valadares: uma manifestação caiçara. Curitiba: Imprensa Oficial, 2005.

PAISAGENS CAIÇARAS. **Ilha dos Valadares – Da ponte pra cá.** 2021. Não Paginado. Disponível em: <https://paisagenscaicaras.wordpress.com/2021/02/05/ilha-dos-valadares-da-ponte-pra-ca/>. Acesso em: 17 mar. 2021.

PEREIRA, Magnus Robert de Mello. Semeando iras ao progresso. Curitiba: UFPR, 1996.

PINTO, Inami C. Curso de introdução aos estudos do folclore. Curitiba: Museu Paranaense, 1983. \_\_\_\_\_. Inami C. Fandango do Paraná. Curitiba: UFPR, 1992.

PINTO, Inami Custódio. **FOLCORE NO PARANÁ.** Curitiba. SesquiCentenário. 2006

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARANAGUÁ. **Urbanização da ilha dos Valadares.** 2003.

SILVA, Caroline K. G. da; SANTOS, Maurício V. dos. **Caracterização Socioambiental da Ilha dos Valadares, Paranaguá- PR.** Trabalho de Graduação Bacharelado em Gestão Ambiental – Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, Matinhos, 2017.

WIKIPEDIA a enciclopédia livre. Disponível em: <  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Esorbuto#:~:text=Esorbuto%20%C3%A9%20uma%20doen%C3%A7a%20causada,vitamina%20C%20\(%C3%A1cido%20asc%C3%B3rbico\).](https://pt.wikipedia.org/wiki/Esorbuto#:~:text=Esorbuto%20%C3%A9%20uma%20doen%C3%A7a%20causada,vitamina%20C%20(%C3%A1cido%20asc%C3%B3rbico).)

## **APÊNDICE**

### **1. Memorial do Projeto de Aprendizagem**

Por um ano e meio tivemos aula de introdução ao P.A. e desde que soube como funcionaria o trabalho, só conseguia imaginar a comunidade onde nasci e cresci sendo a base do meu projeto. Com muita dificuldade em achar um tema específico, comecei o quarto semestre com a ideia de inserir a agenda 21 na Ilha dos Valadares, desisti, pois não era o que eu realmente queria.

Nos terceiro ano meu leque de escolhas expandiu tendo como tema a história, cultura, sociedade e meio ambiente. Sendo questões muito amplas, recordei o módulo que tive com a professora Ana Eliza e decidi fazer etnografia na comunidade insulana. Nesse período comecei a me sentir conectada com o trabalho e tema. Passei a pesquisar mais a fundo sobre a minha comunidade, conversei com pessoas de fora e moradores da ilha para comparar opiniões e pontos de vistas a respeito da Ilha.

A partir do momento em que me aprofundei no tópico “cultura”, fiquei fascinada com toda a história e tradição caiçara que sempre esteve presente na minha vida, mas esquecido com o passar dos anos. Depois de tanta dúvida com relação ao tema em questão e de filtrar as possibilidades, o fandango caiçara tornou-se o tema do Projeto de Aprendizagem e do presente trabalho de conclusão de curso.

### **2. Interações Culturais e Humanísticas**

Durante os quatro anos de graduação, foram ministrados oito oficinas de Interações Culturais e Humanísticas, onde aprendi e conheci muitas pessoas que me agregaram muito academicamente e pessoal. A abaixo darei breve relato do objetivo e atividades realizadas.

2015/1 - Redação Científica: O objetivo dessa ICH era que aprendêssemos como montar uma redação da forma correta e dentro das normas, no final do módulo fizemos um artigo científico em grupos de três alunos.

2015/2 – Ornitologia: Nesse respectivo semestre, trabalhamos com a observação das aves no litoral do Paraná. A que mais chamou minha atenção, foi quando o professor Luis Mestre nos falou do site “wikiaves”, onde é possível encontrar várias espécies de aves do mundo todo.

2016/1 – PalhaclCH: Uma ICH ministrada por um aluno do curso de agro ecologia, confeccionamos instrumentos de mala Bari com material reciclável.

2016/2 – BAGRICH: O primeiro ano fazendo ICH em minha cidade, nesse módulo foram separados cinco grupos para apresentar um resumo sobre cada bairro de Paranaguá. Determinamos que para esse semestre o tema em questão seria o Fandango na Ilha dos Valadares. Na última semana de aula apresentamos nosso trabalho e expusemos alguns instrumentos musicais da cultura caiçara.

2017/1 – Patrimônio Histórico Cultural de Paranaguá: Essa foi a que mais gostei de fazer, além de ser na cidade onde resido, estudávamos a história de Paranaguá. Para nos explicar sobre a cidade, em algumas saídas de campo, tínhamos a participação do Senhor Domingues que possuía rica bagagem histórica e nos explicava cada ponto que visitávamos. Nossos encontros iniciava-se toda quarta-feira na parte da manhã no Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE.

2018/1 – Ornitologia: Nesse semestre, além de relembrar parte da ICH que já tinha feito, aprendi os procedimentos para realizar taxidermia em ave. A ave utilizada na aula foi um bem-te-vi, que teria morrido por causas naturais e o então professor Mestre pegou para nos dar a aula

2018/1 – BAGRICH: Nos dois últimos semestres de ICHs, foram realizadas ações sociais nos bairros do município de Paranaguá. Nesse ano o bairro contemplado foi a Ilha dos Valadares, onde a cada duas semanas as aulas eram realizadas na Escola Municipal Graciela Elisabete Almada Dias, onde era possível ir pessoas da comunidade dar seus relatos sobre a vida insulana daquele local. Quando não estávamos na Ilha, as aulas ocorriam no MAE com palestras e debates. Mesmo o foco do semestre sendo a Ilha, os alunos tinham a missão de fazer mais uma ação social para no final do semestre realizar um portfólio.

2019/1 – Como citado anteriormente, as duas últimas ICHs foram similares, realizamos a ação na Associação ACM, onde a presidente Monica foi algumas semanas antes no museu nos apresentar o seu trabalho com a comunidade Santa Maria. Todos os alunos se mobilizaram para fazer a ação social naquele respectivo bairro, separados em grupos, cada grupo ficou responsável por determinada ação.

Além das ações, cada vez eu um aluno faltasse a aula, o mesmo teria que pagar uma “multa”, doando 1kg de alimento que no final do semestre seria doado para pessoas/comunidades carentes da cidade mãe do Paraná.

### **3. Vivência Acadêmica**

Minha vivência ocorreu no último período da graduação, de fevereiro a julho na Secretaria Municipal do Meio Ambiental - SEMMA no município de Paranaguá, auxiliando no departamento de educação ambiental, onde já haviam diversos projetos voltados em repassar conhecimento e informações para munícipes como: palestras em associações, escolas, panfletos, parceria com empresas e redes sociais.

Segundo a Lei Federal nº 9.795/99 Art. 1º:

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (não p.)

Entre todas as formas de atuação, a que mais chamou minha atenção foram os projetos “SEMMA na escola”, aonde funcionários da prefeitura iam pelo menos uma vez na semana em uma determinada escola municipal e palestravam de forma didática para alunos de 1º ao 5º ano sobre o descarte correto dos seus lixos recicláveis, mostrando que muitos desses materiais podem se tornar brinquedos de forma simples e fácil, também é distribuído panfletos interativos de cuidado e preservação do meio ambiente.

Funcionários da Secretaria Municipal de Saúde em parceria com a SEMMA também palestravam, mostrando a importância de não deixar água parada em vasilhas e outros recipientes que pudessem causar foco da dengue (*Aedes Aegypti*),

sempre que possível era distribuído para as crianças repelentes e ressaltando que em Paranaguá houve caso de epidemia do mosquito.

Além das duas secretarias, representantes das cooperativas e coletores contavam um pouco do seu dia-a-dia nas ruas da cidade e como funcionava o descarte dos materiais, dos caminhões, os recicláveis vão para as cooperativas existentes no município, onde diversas famílias trabalham e tiram seus sustentos vendendo aqueles matérias que são descartados.

O ambiente escolar, por sua pluralidade, possibilita que alunos, pais, professores e demais funcionários entrem em contato com diferentes pontos de vista e aprendam a conviver com as diferenças. (PIRES, B.S.; OLIVEIRA, C. L. 2014 p. 26)

E o projeto “Escola na SEMMA”, como o nome já diz, a escola vai até a Secretaria de Meio Ambiente, em grande parte das vezes, a mesma escola contemplada na semana voltam para uma nova abordagem com os alunos. Além de passarem pelo mesmo procedimento, as crianças contam o que fizeram em suas casas e com suas famílias durante os últimos dias para ajudar o meio ambiente.

Após uma roda de conversa, todos fazem uma visita guiada pelos setores da secretaria que passa pelo horto, onde possui mudas frutíferas e nativas, setor veterinário e encerrando na pracinha ecológica.

Existe, portanto, a necessidade de incrementar os meios de informação e o acesso a eles, bem como o papel indutivo do poder público nos conteúdos educacionais, como caminhos possíveis para alterar o quadro atual de degradação socioambiental. (JACOBI, P. 2003, p.192)

Durante os meses em que fiz parte da equipe SEMMA, tive a oportunidade de aprender outras áreas voltadas ao meio ambiente, como por exemplo, fiscalização, cadastros e licenciamentos, entre muitos outros departamentos.

Com essa experiência pude refletir e perceber que educação ambiental não é exclusividade um trabalho voltado para a área ambiental e sim um trabalho em conjunto, mesmo ainda havendo uma determinada falta de comunicação entre órgãos públicos é possível realizar um projeto educacional fazendo a junção de diversos setores públicos.

Esse projeto em questão é direcionado apenas para crianças, pois fazer com que eles entendam e façam a diferença mesmo que dentro de seus lares é mais fácil que reeducar um adulto.

Nesse sentido cabe destacar que a educação ambiental assume cada vez mais uma função transformadora, na qual a corresponsabilização dos indivíduos torna-se um objetivo essencial para promover um novo tipo de desenvolvimento – o desenvolvimento sustentável. (JACOBI, P. 2003, p.193)

Refletir também sobre o avanço significativo e apoio que a prefeitura tem dando para conscientizar a população a reciclar e manter uma cidade melhor para se viver.

#### **Referência bibliográfica:**

PIRES, B.S.; OLIVEIRA, C. L. EDUCAÇÃO AMBIENTAL: Conceitos e Práticas na Gestão Ambiental Pública. Secretaria de Estado do Ambiente, Rio de Janeiro, p.26, 1992.

BRASIL. Lei nº **LEI Nº 9.795, DE 27 DE ABRIL DE 1999**. Institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Art. 1º.

JACOBI, P. EDUCAÇÃO AMBIENTAL, CIDADANIA E SUSTENTABILIDADE, Cadernos de Pesquisa, n. 118, p. 189-205, março/ 2003